

Brady põe Brasil na cabeça da lista para a redução da dívida

Rosental Calmon Alves

Correspondente

WASHINGTON — O secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Nicholas Brady, disse ao ministro Mailson da Nóbrega que "é importante" para o sucesso de seu plano de redução da dívida externa do Terceiro Mundo que o Brasil seja um dos primeiros a se beneficiar dos novos esquemas, que prevêem o perdão de parte dos débitos e a diminuição dos pagamentos de juros. Diante do Comitê Interino (que estabelece a política do FMI), Mailson reclamou que até agora a comunidade financeira internacional não correspondeu aos esforços de ajustamento do Brasil e advertiu que "a presente situação é insustentável e também inaceitável".

Mailson fez questão de frisar que o secretário do Tesouro lhe disse claramente "que o Brasil deverá ser um dos primeiros a realizar programas importantes de redução substancial da dívida". Não só isso, mas também que o Brasil na cabeça da lista dos beneficiários "seria importante para demonstrar ao mercado e aos países devedores que algo pode ser feito com rapidez para reduzir de forma substancial a dívida". Os Estados Unidos, segundo o ministro, se dispuseram também a ajudar o Brasil a conseguir essa redução da dívida, apesar de que, no final das contas, as negociações serão diretas entre o país e seus bancos credores.

Para desfrutar dos benefícios do Plano Brady e conseguir este ano reduções mais significativas da dívida, o Brasil precisa começar logo a negociar com o comitê assessor de bancos credores uma ampliação das dispensas de certas cláusulas contratuais ainda em vigor, que impedem as operações de anulação de parte dos débitos. Num dos dois discursos que fez ontem para os ministros de Finanças de outros 150 países-membros do FMI, Mailson chamou o Plano Brady de "um substancial avanço conceitual, que deve se transformar com urgência em medidas concretas".

Outra vez, o ministro disse que o Brasil gostaria de em três anos reduzir sua dívida externa à metade e que já começou a trabalhar neste sentido. Ele espera que o país consiga trocar dívida velha por títulos novos com descontos que seriam dados pelos bancos comerciais em troca de algum tipo de aval para esses novos papéis, dado pelo FMI ou Banco Mundial. Explicou, porém, que outras formas de redução também estão sendo analisadas.